



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG  
CAMPUS PEDREIRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**MARIA LAYANE DE SOUSA DA SILVA**

**LINGUAGEM E PODER:** Uma análise discursiva da obra *1984*, de George Orwell

Pedreiras

2024

**MARIA LAYANE DE SOUSA DA SILVA**

**LINGUAGEM E PODER:** Uma análise discursiva da obra *1984*, de George Orwell

Monografia de graduação apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Rondiney Souza Alves

Pedreiras  
2024

## Ficha Catalográfica

Silva, Maria Layane de Sousa da

Linguagem e poder: uma análise discursiva da obra 1984 de George Orwell / Maria Layane de Sousa da Silva. – Pedreiras, MA, 2024.

46 f

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2024.

Orientador: Prof. Me. Rondiney de Souza Alves

1.Linguagem. 2.Poder. 3.Discurso. I.Título

**Elaborado por Cássia Diniz- CRB 13/910**

# MARIA LAYANE DE SOUSA DA SILVA

**LINGUAGEM E PODER:** Uma análise discursiva da obra *1984*, de George Orwell

Monografia de graduação apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Rondiney Souza Alves

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente  
**RONDINEY DE SOUZA ALVES**  
Data: 08/11/2024 10:28:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Esp. Rondiney Souza Alves (Orientador)**

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Documento assinado digitalmente  
**EDMA RIBEIRO LUZ**  
Data: 05/11/2024 07:42:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

1º Examinador



Documento assinado digitalmente  
**RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA**  
Data: 07/11/2024 21:48:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

2º Examinador

*“A realidade está definida com palavras.  
Portanto, quem controla as palavras  
controla a realidade”.*

*(GRAMSCI Antonio, 1891 - 1937)*

## RESUMO

A obra *1984*, de George Orwell, retrata uma sociedade distópica, em que o Estado se impõe de maneira totalitária, tanto por meio de situações relacionadas à linguagem e as relações de poder, quanto pelo controle das ações da população, influenciando a vida dos sujeitos. Para tanto, o trabalho possui como objetivos: analisar situações de poder e manipulação pela linguagem descritas na obra *1984*; investigar as ocorrências das relações de poder apresentados no romance; examinar como a linguagem do livro é usada para a manutenção do poder exercido pelos sujeitos; identificar como os sujeitos do discurso são moldados por meio dos enunciados apresentados na narrativa. Para o desenvolvimento desta análise, o presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica interpretativa de caráter qualitativo acerca da revisão de literatura. A pesquisa foi baseada na análise do discurso de linha francesa, no que foi possível através de autores como Dominique Maingueneau em seu livro *Discurso e análise do discurso* (2015), buscando analisar as questões epistemológicas, teóricas e metodológicas da Análise do discurso; Michel Foucault, em suas duas obras *Arqueologia do Saber* (2012) e *Ordem do Discurso* (2014), em que foi possível observar os elementos de poder e ideologia presentes nas obras; Michel Pêcheux e sua formação ideológica e discursiva por meio de *O Discurso* (2002) e Eni Orlandi através do livro *Análise de Discurso* (2015).

**Palavras-chave:** linguagem; poder; discurso.

## ABSTRACT

George Orwell's *1984* portrays a dystopian society, in which the State imposes itself in a totalitarian way, both through situations related to language and power relations, and by controlling the actions of the population, influencing the lives of the subjects. To this end, the work has the following objectives: to analyze situations of power and manipulation by language described in the work *1984*; to investigate the occurrences of the power relations presented in the novel; to examine how the language of the book is used to maintain the power exercised by the subjects; to identify how the subjects of the discourse are molded through the utterances presented in the narrative. For the development of this analysis, the present work consists of a qualitative interpretative bibliographic research on the literature review. The research was based on the analysis of the French line of discourse, which was possible through authors such as Dominique Maingueneau in his book *Discourse and Discourse Analysis (2015)*, seeking to analyze the epistemological, theoretical and methodological issues of Discourse Analysis; Michel Foucault, in his two works *Archaeology of Knowledge (2012)* and the *Order of Discourse (2014)*, in which the elements of power and ideology present in the works were observed; Michel Pêcheux and his ideological and discursive formation through *O Discurso (2002)* and Eni Orlandi through the book *Análise de Discurso (2015)*.

**Keywords:** language; power; speech.

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 01 - ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Estudos do discurso e perspectivas teóricas.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 A enunciação na perspectiva foucaultiana.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 A linguagem e o discurso em sua base filosófica.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 02 - 1984.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 O objeto: um breve resumo.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Sobre o autor.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 A Ideologia e o sujeito na ficção de George Orwell.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 03 - ANÁLISE DA LINGUAGEM COMO MEIO DE MANUTENÇÃO DO PODER ..... </b>	<b>31</b>
<b>3.1 <i>Novafala</i>: a língua em funcionamento.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 O Duplipensamento Orwelliano.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 A transformação dos sujeitos em 1984 por meio dos enunciados.....</b>	<b>38</b>
<b>3.4 Poder e manipulação: O grande Irmão está de olho em você.....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste na investigação acerca de uma análise discursiva da obra *1984*, de George Orwell, publicado pela primeira vez em 1949, evidenciando assim, situações relacionadas à linguagem e as relações de poder nesse romance distópico que é considerado um clássico da Literatura Inglesa, sendo esta a temática versada neste trabalho que terá como foco as exposições das ideias do autor e interações existentes entre os sujeitos, bem como suas práticas e formas distintas de observar a realidade dentro da ficção.

Dessa maneira, torna-se interessante destacar que os livros do autor britânico George Orwell, especificamente *1984* (1949), que foi posto em análise através desta pesquisa, expressa por meio de uma linguagem visionária as ideologias do autor. Com isso, ele demonstra uma formidável percepção do mundo que o cerca, abordando situações que faz questionar como o indivíduo tem usado a linguagem e para que finalidade ela está sendo empregada, assim como, o poder que é exercido como forma de convencer os indivíduos.

Para tanto, como citado acima, a pesquisa será pautada em uma análise discursiva que tem como intuito observar a maneira em que a língua é usada em determinado texto, atentando as diferentes ideologias aplicadas e modos de atividades humanas, tendo o discurso como pressuposto do estudo qualitativo acerca do conteúdo abordado, buscando centrar-se nos sujeitos, na linguagem e o enredo de determinada história, procurando assim, expressar de forma objetiva a opinião do autor e dos sujeitos dentro do romance, de forma a inferir a subjetividade existente.

Dessa maneira, este trabalho buscará responder de que forma as relações de poder, assim como a linguagem, podem ser usadas por meio do discurso persuasivo para influenciar os sujeitos tendo como objeto de estudo a obra *1984*? Este questionamento partiu da observação acerca da possibilidade da língua ser abordada de forma tendenciosa em determinadas situações usando o discurso como meio de persuasão e até mesmo manipulação. Estes aspectos encontram-se na obra em análise.

Através da temática apresentada, esta pesquisa contribui significativamente para a importância de compreender que a língua pode ser usada como objeto para influenciar determinados povos de forma a se tornar restrita a determinados indivíduos. Pessoas que tentam manter o seu poderio, e para tanto faz uso destes meios para influenciar os indivíduos a partir do discurso metódico, alienado e capaz de inibir até mesmo as emoções dos indivíduos por meio da manipulação, o que de alguma forma

se mostra resultante da falta de autonomia e individualidade dos sujeitos apresentados no romance.

Partindo desta premissa, a temática em questão, pode aflorar uma consciência crítica em relação aos discursos presentes na sociedade, de maneira a despertar a população para uma análise mais profunda das mensagens veiculadas no meio comunicativo e até mesmo por grupos de interesse, em que a linguagem é empregada como instrumento para persuadir. Fomenta a importância para um estudo crítico e profundo acerca das estratégias de manipulação por meio da discursividade presente na obra, além de uma compreensão sobre aspectos que envolvem comportamentos que estão além da discursividade do livro.

Desta maneira, a presente pesquisa pode contribuir tanto para o campo da análise do discurso e da literatura como também outras áreas do conhecimento, sendo as ciências sociais uma delas. Na análise do discurso ela apresenta fundamentos sobre padrões discursivos presentes na obra de Orwell, examinando de forma minuciosa como a discursividade é construída e a forma em que a língua e claro, o discurso, podem ser usados.

Esses aspectos oferecem a possibilidade para questionamentos críticos e significativos acerca de como a linguagem pode influenciar na tomada de decisão e possível controle das massas, observando os diversos discursos, principalmente os que afetam a população e que podem levá-las a tomar decisões tendenciosas guiadas por um discurso insensível, com isso, é notório a importância da pesquisas para o meio social.

Para tanto, o trabalho possui como objetivo geral: analisar situações de poder e manipulação pela linguagem descritas na obra *1984*, de George Orwell; e como específicos: investigar as ocorrências das relações de poder apresentados no romance; examinar como a linguagem do livro é usada para a manutenção do poder exercido pelos sujeitos; Identificar como os sujeitos do discurso são moldados por meio dos enunciados apresentados na distopia.

Para o desenvolvimento desta análise, o presente trabalho consistirá em uma pesquisa bibliográfica interpretativa acerca da revisão de literatura sobre uma análise discursiva pautada no livro *1984*, tendo como foco as relações de poder, a linguagem manipulativa e o discurso persuasivo.

As investigações e análises dos dados quanto à abordagem do problema é qualitativa, pois o resultado com as interpretações acerca da pesquisa é, portanto, a exploração de um sentido mais amplo em relação aos dados investigados. O *Corpus*

da análise está voltado ao livro *1984* de George Orwell (2009), no que serão analisados termos linguísticos e situações discursivas dentro da obra.

Nesse intuito, no primeiro capítulo será abordado questões que envolvem o significado da linguagem, como surgiu, de forma a refletir acerca da sua definição nos seus aspectos mais primitivos, levando em consideração as bases filosóficas, assim como seus principais pensadores. Nessa perspectiva, também será mencionada as teorias de analistas do discurso de linha francesa.

No segundo capítulo será descrito aspectos do enredo da obra em questão, assim como suas principais características, ou seja, as principais impressões do objeto em análise, bem como situações referentes a ideologia presentes na narrativa, por meio do pensamento do filósofo francês Louis Althusser, através de sua obra *Aparelhos ideológicos de Estado*.

No terceiro capítulo será analisado o objeto da pesquisa, em que a linguagem será observada como uma forma de manutenção do poder por meio de uma análise discursiva pautada nos analistas do discurso de linha francesa, sendo frisado a presença dos enunciados praticados pelos sujeitos.

Buscando responder como a linguagem pode ser usada por meio do discurso manipulativo com o objetivo de influenciar os sujeitos tendo como objeto de estudo a obra *1984*. A pesquisa foi direcionada na análise do discurso de linha francesa. Para tanto, serão abordados autores como Dominique Maingueneau, através do livro *Discurso e análise do discurso* (2015), buscando analisar as questões epistemológicas, teóricas e metodológicas da Análise do discurso, aproximando este campo de pesquisa a temática em questão; Michel Foucault, em suas duas obras *Arqueologia do Saber* (2012) e *Ordem do Discurso* (2014), buscando assim, desvelar os elementos de poder e ideologia presentes na obra; formação ideológica e discursiva de Michel Pêcheux, em sua obra *O Discurso* (2002) e *Análise de Discurso* (2011), com os textos escolhido por Orlandi.

## CAPÍTULO 01 - ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

### 1.1 Estudos do discurso e perspectivas teóricas

A análise do discurso é uma ciência linguística que tem como base subjacente estudar a produção de sentido que encadeia o sujeito, a língua e o contexto histórico em que ela está sendo empregada. Para (Eni Orlandi 2005), o indivíduo está sujeito a linguagem sendo que em seu modo de produção não pode haver neutralidade, ou seja, deve-se, portanto, buscar compreender as ideologias que estão no interior de cada discurso.

Dessa forma, o pensamento, o contexto social e cultural, a religião, a política e todas as vertentes ideológicas devem ser levadas em consideração, ao produzir e analisar determinadas situações discursivas, para que dessa maneira se compreenda como funcionam e interligam-se entre si. A isto, (Orlandi 2015, p. 8) ressalta:

Há modos de se interpretar não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir”), tais como juiz, o professor, o advogado, o padre.

A autora citada acima, está enfatizando que em relação a interpretação de determinado discurso vários fatores devem ser levados em consideração, sendo um deles o contexto social, que segue até mesmo determinado cargo profissional atribuído ao sujeito, envolvendo conhecimentos específicos da área.

Com isso, Orlandi continua ressaltando que o discurso é o meio mais eficaz para que se possa analisar a tênue relação entre a língua e os fatores ideológicos que envolvem os sujeitos da ação. Para ela a interpretação está orquestrada por relações de poder e até mesmo de interesses próprios do indivíduo, podendo variar conforme a posição e a finalidade de quem a pratica, ressignificando-se de acordo com o contexto social e histórico em que circulam. Dessa maneira, se torna interessante o entendimento acerca do sentido produzido pelos sujeitos do discurso.

A análise do discurso é constituída por três grandes áreas do conhecimento, tais como, a linguística saussuriana, a psicanálise de Lacan e o Marxismo de acordo com a releitura de Louis Althusser, “a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise” (Orlandi, 2015, p. 17). Este trabalho, portanto, evoca a AD surgida na França, aproximadamente no ano de 1960 pelo filósofo francês Michel Pêcheux, que buscava analisar como a linguagem é materializada na ideologia, assim como a ideologia é manifestada na linguagem. O discurso é tido como um determinado lugar em que essas manifestações acontecem.

Para Pêcheux, é por meio do discurso que a ideologia se materializa, ou seja, é necessário que se faça uso da linguagem para que haja comunicação e interação entre os sujeitos, sendo que os enunciados fazem parte de uma cadeia histórica que envolve fatores diversificados. Assim ressalta Orlandi, acerca do pensamento desse autor “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” Orlandi (2005, p. 15).

É por meio da linguagem que o indivíduo faz uso de sua ideologia, ou seja, da sua maneira de ser, de pensar e de observar o mundo que o cerca. Dessa maneira, não pode haver uma ideologia que seja neutra para todos os sujeitos, pois cada ser possui suas particularidades e forma de apresentá-las à sociedade o que por vezes pode divergir das ideias de outras pessoas. Dessa forma, as ideologias se chocam e possuem em sua constituição a formação discursiva que provém do individualismo do sujeito.

A ideologia é a base subjacente da análise do discurso de linha francesa pecheutiana, que explicita os processos de significação na construção dos sujeitos. Assim ressalta Fernanda Mussalim, (2010, p. 116) “A instituição da AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas a ideologia e ao sujeito”

Dessa maneira a AD Francesa, irá surgir em contraponto a análise de conteúdo postulada pelas ciências humanas que é caracterizada, majoritariamente, por ser descritiva. Com isso, tenta identificar o que determinado texto está expressando com relação aos fenômenos que estão sendo postos em análise, tendo como objetivo explicitar e compreender os dados textuais, sendo assim positivista. A isto, postula Orlandi:

(...) O texto não é constituído de sentenças, ele é realizado por sentenças, o que, de certo modo, inverte a perspectiva linguística. Suas contribuições são valiosas, mas à diferença da Análise de Discurso, ele não trabalha com a forma material, ou com a ideologia como constitutiva e estaciona na descrição. (Orlandi, 2005, p. 16).

Tanto a Análise de Conteúdo como a do Discurso, estacionam na análise textual, porém a AD busca observar além da mera descrição de um texto, ela o interpreta, portanto tem caráter interpretativo, buscando assim, observar o que está por trás do objeto, e dessa forma relaciona-lo com a sua materialidade. Tem como foco primordial a crítica, pois quem faz a pesquisa já possui de antemão uma determinada teoria sobre o assunto e a usa como lente para fazer sua interpretação, tentando identificar

aquilo que está além do corpus do texto, ou seja, o que não se manifesta de forma aparente.

Em sua obra *Discurso e análise do discurso*, o linguista francês Dominique Maingueneau (2015, p. 27), segue o pensamento de Pêcheux e esclarece que “O discurso é assumido por um sujeito”, logo, afirma a necessidade deste ser assumido por um indivíduo, ressaltando que toda ação discursiva é produzida por uma pessoa ou um grupo em particular, ocupando uma posição institucional, social e política, especificamente.

A atividade verbal é, na realidade, uma interatividade que envolve dois ou mais parceiros. A manifestação mais evidente dessa interatividade é a troca oral, onde os interlocutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atividade do outro e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre ele. (Maingueneau, 2015, p. 26)

Maingueneau ressalta que o discurso é envolto a interatividade, em que há locutores e interlocutores, que fazem uso de palavras como um jogo de efeito sobre o sujeito, sendo que o enunciador articula sua enunciação de acordo com determinado lugar social, levando em consideração o contexto, como os campos políticos, jurídicos, religiosos e outros diversos meios e situações em que a discursividade ocorre.

Com isso, o autor diz que o sujeito traz consigo uma gama de marcas características de determinado grupo, como sua influência e identidade que são particulares e influenciáveis, e que acaba ditando a forma como o indivíduo constrói seus argumentos e enunciações, moldando-o por meio da linguagem de forma a influenciar em seus discursos. Sendo assim, para este autor, o discurso é contextualizado não podendo ter significação fora de seu contexto.

O autor em questão, postula suas ideias sobre o discurso como sendo uma forma de agir no mundo, ou seja, como uma ação que necessita de um enunciador. Com isso ele ressalta: “considera-se que falar é uma forma de ação sobre o outro, e não apenas uma representação do mundo” (Maingueneau, 2015, p. 25). Ele explicita a fala como uma forma de manifestação do poder. Com isso, pode ser feito um paralelo entre as ideias do autor e do filósofo Austin, por meio dos seus atos de fala.

O filósofo e jurista inglês John Langshaw Austin, por meio da sua Teoria dos Atos de fala que está descrita em seu livro *Quando dizer é fazer* (1990), tendo como foco mostrar que a linguagem não tem por objetivo único descrever o mundo mais antes de qualquer coisa, é uma forma de ação desta no mundo “Como o nome sugere, essa teoria considera as frases da língua como ações sobre o real, de onde advém a concepção de “atos de fala”. (Martelotta, 2022, p. 92).

Nessa obra, Austin assim como Maingueneau, observa a linguagem não como uma forma de representação, mas uma ação do homem no mundo, os constituintes da linguagem para este autor são os atos de fala, com isso, ele faz uma abordagem sobre a visão performativa da linguagem, que estabelecem a realização de ações, ou seja, de situações concretas em que envolve aspectos enunciativos, se diferenciando dos constativos que eram estabelecidos por ele como algo que possui o valor de verdade ou falsidade, isto é, apenas constata fatos que ocorrem no mundo, utilizando-se de proferimentos exclamativos em que se declara ou descreve algo. O “Performativo é enunciado que realiza o ato que está sendo enunciado” (Martelotta, 2022, p. 92)

Essa teoria considera possível um tratamento sistemático da linguagem de um ponto de vista pragmático, desde que se adotem as categorias adequadas para isso; ou seja, desde que se analise a linguagem enquanto ação. (Marcondes, 2005, p. 16).

De acordo com Danilo Marcondes, a teoria dos atos de fala pode se constituir de um modo sistemático, isto é, que segue regras, mas desde que observe o uso da língua em um contexto, que é o que de fato Austin propõe ao querer estabelecer o desprendimento da linguagem do seu modelo tradicional através da teoria performativa em que a ação passa a ser realizada no momento em que se estabelece a fala, como por exemplo, “ “Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth” - Quando proferido ao quebrar-se uma garrafa contra o casco do navio”. (Austin, 1990, p. 24). Aqui não há uma constatação, mas a realização de algo, ou seja, está sendo praticada uma ação, que neste caso é um batizado. Na elaboração da teoria dos atos de fala, Austin explica que são executados três atos que se distinguem entre si, seriam: Locutório, ilocutório e performativa.

O ato locutório, centrado no nível fonético, sintático e de referência, corresponde ao conteúdo linguístico usado para dizer algo, o ato ilocutório, (...) tem a chamada força performativa, está associado ao modo de dizer algo (...). E o ato perlocutório corresponde à indicação dos efeitos causados sobre os outros, servindo a outros fins, como influenciar o outro, persuadi-lo a fazer algo (...). (Martelotta, 2022, p. 93)

Para Austin, a linguagem pode ser estabelecida por meio da ação que ela exerce no mundo e o que nele existe e não através de uma descrição da realidade aparente. Dessa forma as palavras devem ser entendidas como um agir e não apenas com o sentido de descrever o que se diz, isto é, o significado de cada vocábulo que se emprega em uma sentença.

## 1.2 A enunciação na perspectiva foucaultiana

Em sua obra *Arqueologia do Saber*, (Foucault 2008), diz que o discurso jaz sob um conjunto de enunciados que são proferidos a dado contexto histórico, cultural e social, ou seja, em uma mesma formação discursiva<sup>1</sup>. Para ele, os discursos são os responsáveis por construir conhecimentos que são determinados pelas ocorrências em situações estabelecidas.

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (Foucault, 2008, p. 90)

Para Foucault, o enunciado é a base primária do discurso e da formação discursiva, estando até mesmo acima da própria língua, não está relacionado meramente a uma expressão verbal, deixando especificado a necessidade de se observar as condições de produção de determinado discurso que será construído por meio dos enunciados, sendo que a sua unidade significativa envolve a historicidade, o modo de ser e pensar sem neutralidade.

Nessa perspectiva o enunciado não está diretamente ligado a determinado objeto, a uma frase ou proposição, mas às condições que fazem com que estes existam e passam a ter significado no mundo, ou seja, as condições de produção da formação discursiva. Dessa maneira, o enunciado é tido como sendo um conjunto de regras estabelecidas para a construção de frases e diversas expressões humanas, carregadas de significados e simbolismos, de forma a representar a luta de um povo se tornando um espaço para contradições e prática social. Para Foucault, o discurso pode ser entendido como uma conjuntura de enunciado representado em uma mesma estrutura discursiva.

Segundo o autor, o discurso está detido a um sistema de regras, que irão limitar o que, como, por quem e para quem, determinado enunciado discursivo deve ser proferido pelo sujeito da ação. Dessa forma, através da obra que está sendo posta em análise, 1984, o autor faz uma reflexão crítica que leva a indagar a maneira em que o

---

<sup>1</sup>A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada determina o que pode e deve ser dito. (...) O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (Orlandi, 2015, p. 41)

discurso pode se manifestar, sendo o poder um dos meios utilizados para tal finalidade (Foucault 2008).

Na ótica do filósofo, Ludwig Wittgenstein (2022), sobre o enunciado, ele escreve que o mundo é a totalidade dos fatos e não dos objetos, ou seja, o mundo não é uma coleção de objetos, mas de relações que eles estabelecem entre si, que por sua vez constitui o estado de coisas. Estes fatos se referem a um estado de coisas que perdura. Estes são representados pelos enunciados ou sentenças com valor de verdade.

O significado de um enunciado reside no fato de que ele expressa estado de coisas (concebível, não necessariamente existente). Se um enunciado (ostensivo) não expressa um estado de coisas (concebível), então não tem nenhum significado; só aparentemente é um enunciado. Se o enunciado expressa um estado de coisas, então é significativo para todos os eventos; é verdadeiro se esse estado de coisas existe, falso se ele não existe. Podemos saber que um enunciado é significativo antes de saber se ele é verdadeiro ou falso. (Carnap, 1928, p.325)

Com isso, sentenças ou enunciados verdadeiros são imagens e estado de coisas que subsistem. Sentenças falsas são imagens ou estados de coisas que não subsistem, portanto, não possuem significado. Toda sentença ou conjunto de frases que não se decompõe em proposições provindas de sentido, não possuem significação. Nisso Ludwig ressalta no Aforismo 5.5262, “A verdade ou falsidade de cada proposição altera, por certo, algo na construção geral do mundo” (Wittgenstein, 2022, p. 219).

Uma proposição em lógica é algo alegado, uma alegação que pode ser verdadeira ou falsa. Uma sentença é uma série de palavras bem estruturadas gramaticalmente ou sintaticamente, sendo que a proposição é aquilo sobre o qual a sentença declara algo, ou seja, uma sentença é o meio linguístico pelo qual uma proposição é declarada.

De acordo com o filósofo em questão, para cada situação que existe na linguagem, necessita-se também existir algo semelhante que a espelha no mundo. Para cada proposição deve existir os fatos que a designa; da mesma forma com as proposições elementares deve existir um estado de coisas e para cada nome um objeto palpável e não somente como uma forma de representação.

Na visão de Wittgenstein, o enunciado acontece por meio de um estado de coisas, ou seja, dos objetos designados no mundo. Para Foucault, o enunciado não é meramente representado por objetos, mas por aquilo que é dito, o lugar, as ideologias expressas pelos sujeitos que pode ser caracterizado a partir do meio em que vivem,

da cultura e modo pensar. O objeto terá significado a partir do meio em que ele está e a forma que ele é empregado pelo indivíduo.

É evidente que os enunciados não existem no sentido em que uma língua existe e, com ela, um conjunto de signos definidos por seus traços oposicionais e suas regras de utilização; a língua, na verdade, jamais se apresenta em si mesma e em sua totalidade; só poderia sê-lo de uma forma secundária e pelo expediente de uma descrição que a tomaria por objeto; os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem aos enunciados e que os regem do interior. (Foucault, 2008, p. 96)

O enunciado é carregado de significados históricos, é tudo aquilo que já possui uma determinada tradição. Para que haja uma comunicação efetiva o sujeito deve fazer uso dos enunciados, que seria tudo aquilo que já foi dito em certo momento da história, possuindo até mesmo certas normas de disposição que faz com que os enunciados se relacionem entre si formando a enunciação, ou seja, aquilo que é proferido no momento exato do discurso.

Ao fazer uma análise de um determinado discurso é necessário mapear alguns discursos que já estão presentes na sociedade, assim, como o tempo e espaço em que ele está sendo analisado. Dessa maneira, tudo aquilo que é proferido está sendo relacionado com enunciados que possuem uma tradição, não é uma novidade, ou seja, um padre não deve usar em sua homilia termos judiciais, usando uma linguagem inacessível à maioria dos ouvintes por ser próprio da área do direito, pois de certo, não iriam compreender, por serem leigos no assunto e por não fazer parte de suas vivências. Dessa forma, o enunciado faz uso da enunciação tradicional levando em consideração o modo de viver e a cultura dos sujeitos de determinada sociedade.

### **1.3 A linguagem e o discurso em sua base filosófica**

É importante refletir e levar em consideração que a linguagem é uma das principais expressões humanas, tendo em vista que sempre foi um elemento indispensável na vida do indivíduo, cooperando assim, com o contato entre as diversidades de povos existentes, além de ser usada para medir as coisas do mundo, contribuindo com o entendimento dos fatos e da realidade, possibilitando a relação da língua e do pensamento. Dessa forma, “os fenômenos linguísticos se tornam uma espécie de janela para a natureza humana” (Costa, 2015, p.16). Este fato, mostra a importância de conhecer e entender a linguagem e suas contribuições para um o pensamento crítico do sujeito.

Um outro ponto que deve ser estabelecido, é a importância das palavras, pois são elas que tornam consciente o pensamento humano acerca dos fatos existentes, ou seja, o que se pensa é externado por elas, de forma verbal ou não verbal. Ao

segmentar o pensamento, possibilitando sua análise, o uso de uma certa palavra produz um certo tipo de impressão na mente de quem se fala e de quem ouve, estabelecendo o que se pensa ao seu significado, ou seja, ao objeto do qual se fala, dessa forma constituindo a linguagem que é a capacidade que o ser humano possui de comunicação (Gonçalves 2012).

No Crátilo, de Platão (427 a.C. ; séc. V), está descrito as principais reflexões do homem sobre a linguagem, de modo a estabelecer uma relação entre a linguagem e os objetos, de forma a analisar a naturalidade dessas relações com a finalidade de compreender se as palavras contribuem, de fato, para o conhecimento da realidade, assim como para influenciar determinadas situações. O autor estabelece um dos diálogos mais atuais de modo a buscar entender o significado dos nomes. Para o personagem do diálogo denominado de Crátilo, as coisas recebiam seus respectivos nomes de acordo com a sua forma.

Sócrates o Crátilo diz existir uma correção dos nomes inerente à natureza de cada um dos seres. Um nome não seria isto que alguns, pronunciando partes de seu idioma, convencionaram a usar para chamar. Haveria sim uma correção inerente aos nomes, a mesma para todos, gregos ou estrangeiros. (Platão, 390- 385 a.C)

Nesta obra, o autor ateniense, também estabeleceu a prática da oralidade e a utilizou para compor seus diálogos, conhecidos como diálogos platônicos, inovando a escrita de sua época de forma a questionar quase tudo o que conhecia. A obra em questão, trata mais precisamente sobre a relação entre a linguagem e o mundo real, ou seja, o nome e a coisa que ele denota.

O estudo sobre o assunto da linguagem, surgiu na Grécia antiga, com o intuito de entender os diversos textos que estavam sendo escritos e que não possuíam ainda uma espécie de sistematização ou ordem de sentido. Nessa perspectiva, no uso da linguagem, é escolhido signos ou sinais de representação, verificando-se as diversas formas de combinação de sinais linguísticos de modo a ser possível transmitir uma mensagem.

Para os antigos gregos, a língua reflete o pensamento e é instrumento da linguagem, os códigos linguísticos seriam na verdade uma exteriorização do consciente que por sua vez faz uso da natureza, e esta passava a ser organizada de acordo com as normas que regiam o mundo.

(...) A importância da linguagem se dá não apenas do ponto de vista da relação que ela tem com conceitos importantes da filosofia, como verdade e conhecimento, mas também ou até principalmente, pelo brilho próprio que ela exerce sobre os homens por conta do poder que possui. (Costa, 2015 p. 15)

Nesse intuito questiona-se a coletividade e individualidade da linguagem, assim como o poder que ela pode exercer através dos sujeitos. Como a língua pode estar dentro da mente de um indivíduo e ao mesmo tempo ser compreendida socialmente? Para (Saussure 2012 p. 40), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Portanto, essa característica ajuda a entender como a língua é concebida e se manifesta entre as pessoas de forma a exercer um grande poder sobre elas.

Em vista do que foi citado por Saussure, o filósofo russo Mikhail Bakhtin, ressalta que a língua se constitui em um processo estabelecido por meio da interação verbal, social, entre os interlocutores, não sendo um sistema variável da língua, o sujeito tem uma atuação diferente das concepções citadas anteriormente e passam a ser ativos. (Bakhtin 2003)

A língua, portanto, é instrumento da linguagem humana, que por sua vez, é a capacidade que o homem possui para se comunicar e interagir no meio em que vive, é base para o sujeito compreender as coisas existentes no mundo de modo a designar os fatos, as representações e as diferentes formas de convenções, passando a desenvolver a capacidade de compreender-se.

Para (Noam Chomsky 2014), idealizador do gerativismo, teoria que assegura que o indivíduo já nasce com uma predisposição para uma língua natural e que se contrapunha ao estruturalismo que afirmava que a capacidade linguística é associada a concepção teórica do Behaviorismo, que baseava-se na concepção experimental e comportamental, ou seja, para os behavioristas, a linguagem é um fenômeno externo ao indivíduo com sistemas de hábitos gerados como resposta a estímulos. Na contemporaneidade, a concepção de Chomsky é a mais aceita, pois, estudiosos da psicolinguística asseguram que a linguagem humana é uma capacidade que vem impressa no DNA do homem, sendo assim inata.

A linguagem é um dos ingredientes principais para a vida em sociedade. Desse modo, ela está relacionada à maneira como interagimos com os nossos semelhantes, refletindo tendência de comportamento delimitadas socialmente. cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai se manifestar também na maneira de falar de seus representantes (...). (Martellota, 2022, p. 19)

Nessa perspectiva observa-se a importância e contribuição da linguagem para a vida do ser humano, pois é por ela que o homem passou a se comunicar no meio em que vive, com isso, ela se torna uma das áreas que mais se desenvolveu na história da humanidade, sendo um preceito indispensável para o convívio em sociedade.

Entende-se que a língua, portanto, é instrumento da linguagem humana, que por sua vez, é a capacidade que o sujeito possui para se comunicar e interagir no meio em que vive, é base para o ser humano compreender as coisas existentes no mundo de modo a designar os fatos, as representações e as formas de convenções, passando a desenvolver a capacidade de compreender o cosmo<sup>2</sup>.

Autores analíticos da linguagem como Gottlob Frege, Bertrand Russell e, especificamente, Ludwig Wittgenstein que foram os filósofos mais eminentes do século XX, contribuindo de forma significativa com a chamada “A Virada Linguística”. Para estes filósofos, se o homem conseguisse entender plenamente os fenômenos linguísticos, seria possível resolver os problemas filosóficos, dessa forma a dedicação desses pensadores, voltou-se à elaboração de uma teoria da linguagem, como pressupostos filosóficos. Esse movimento linguístico contemporâneo possibilitou novas concepções acerca do assunto, culminando no desabrochar de uma autêntica filosofia da linguagem. A esse respeito Maingueneau escreve:

(...) a reflexão sobre o discurso se beneficiou de contribuições provenientes da filosofia e da linguística. Ao longo do século XX, a filosofia se preocupa com a questão da linguagem. Falou-se de um *linguistic turn*, de uma “virada linguística”, baseada na ideia, defendida particularmente por L. Wittgenstein, de que o trabalho conceitual da filosofia sobrepõe uma análise prévia da linguagem (Maingueneau, 2015, p. 17)

É nesse cenário que Ludwig Wittgenstein, do qual Maingueneau descreve como sendo um dos principais responsáveis do movimento denominado de “virada linguística”, em que os fenômenos linguísticos são entendidos como o norte para se compreender os problemas filosóficos, surgindo quando não se compreende aquilo que de fato a filosofia deve se ocupar, mas como a possibilidade de uma análise profunda, detalhada e investigativa da linguagem e sua relação com o mundo.

Tendo em base as ideias desses autores, (Orlandi, 2015, p. 13) ressalta, “Pois, é justamente pensando que há muitas maneiras de se significar que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem a análise do Discurso”. É, portanto, a partir do interesse de filósofos como os mencionados acima, que os fenômenos linguísticos passaram a ser analisados como uma maneira imprescindível de se compreender o mundo e o que o cerca.

---

<sup>2</sup> Espaço Universal; o universo que, composto por matéria e energia, se organiza seguindo suas leis particulares; cosmos.

Filosofia Grega. Refere-se ao universo que, mantido por leis regulares, está disposto de maneira regular e integrada. Dicionário Online de Português, 2023.

Dessa maneira, observando o que os teóricos citados acima, entendem por linguagem, pode-se compreender o poder que ela possui para a humanidade, assim como a sua influência. A Análise do Discurso é uma das abordagens da Linguística que surgiu a partir do entendimento da importância dessa área para estudos sobre os significados e das construções discursivas.

Helena Brandão ressalta que “a linguagem é uma atividade exercida entre falantes: entre aquele que fala e aquele que ouve, entre aquele que escreve e aquele que lê” (Brandão, 2016, p. 02), ou seja a linguagem é o meio mais antigo de interação entre os povos, a base dos discursos e da compreensão humana sobre si e o outro.

O discurso, portanto, teve sua base epistemológica na França por meio do filósofo Michel Pêcheux. Nesse ínterim, é importante destacar que é através do discurso que se torna possível analisar a forma como o ser humano se comunica por meio dos enunciados, assim como, as condições de produção, a sociedade e toda a historicidade em que determinado discurso foi proferido e que produz sentido, para que isso aconteça necessita-se da língua para materializar-se, mesmo sendo exterior a ela. Para (Foucault 2014, p.10) “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Para este autor, o discurso reflete muito mais que somente a historicidade e lutas de um determinado povo, mas a sua real identidade e aquilo que a caracteriza, as suas raízes e culturas, sendo usado como instrumento de poder, dando voz aos diferentes sujeitos de uma sociedade, evidenciando as desigualdades existentes, as diversas perspectivas e modos de vida, assim como as experiências individuais e coletivas.

Através do livro que será posto em análise, é possível observar a importância de entender as enunciações discursivas, de modo a ponderar e levar em consideração situações que podem ir além daquilo que está escrito nos textos ou do que se é possível ler. Dessa forma, se torna evidente que o texto produz sentido em suas diversas esferas na sociedade, o leitor, portanto, precisa antes de qualquer hipótese se compreender como sujeito social regado de historicidade e vivências significativas que só poderão ser compreendidas por meio do contato com a realidade. É através dessa perspectiva que a obra em questão será analisada.

## CAPÍTULO 02 - 1984

### 2.1 O objeto: um breve resumo

O livro *1984*, de George Orwell, menciona um governo totalitário, sendo aquele que almeja controlar todos os aspectos da vida de um determinado indivíduo, ditando como deve agir, vestir, comer e até mesmo pensar e no que acreditar. Sua obra baseia-se na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e na Alemanha de Adolf Hitler. Os relatos descritos neste livro são distópicos,<sup>3</sup> pois mencionam o futuro da Inglaterra, caso viesse a possuir um governo totalitário. Dessa maneira, o Estado, liderado pelo Partido, exerce controle total sobre as massas.

O personagem protagonista, denominado de Winston Smith, que é o sujeito da enunciação discursiva, assim como os outros demais personagens, que serão mencionados no decorrer desta pesquisa, trabalha no ministério da verdade, e mora na Oceania, que tem por fundamento o socialismo inglês, denominado de *Socing*<sup>4</sup>, que era a forma que se referiam ao Partido, no qual é subdividido em três grandes Estados: Oceania, local em que Winston vivia, e a Eurásia e Lestásia, que viviam constantemente em guerra uma com a outra.

Winston, com uma vida aparentemente medíocre e sem muitas perspectivas, tem como atividade trabalhista fazer a falsificação de arquivos e diversos documentos públicos, este fato ocorre para mascarar a verdadeira face do governo da Oceania e esconder os fatos históricos que ocorreram antes da grande revolução, que é a forma como chamavam a tomada do poder pelo partido do Grande Irmão. “Se o Partido era capaz de meter mão no passado e afirmar que esta ou aquela ocorrência jamais acontecera - sem dúvida isso era mais aterrorizante do que a mera tortura ou a morte” (Orwell, 2009, p. 47).

Observando o desgoverno da Oceania, o protagonista citado, começa a questionar todo o sistema de governo, bem como, observar a forma como os cidadãos eram manipulados, assim como, a falsificação dos fatos e das notícias que eram veiculadas nos meios de comunicação que por sua vez, eram controlados pelo núcleo

---

<sup>3</sup> O conceito filosófico de distopia foi utilizado pela primeira vez, em 1865, pelo filósofo John Stuart Mill durante uma sessão do parlamento britânico para se referir a uma realidade oposta à utopia. A realidade distópica é caracterizada por uma perspectiva de mundo pessimista, saturada de incertezas em relação ao futuro. (Secretaria de Cultura e Juventude de São Bernardo do Campo. Literatura e distopia., 2024).

<sup>4</sup>(...) não lhe parecia que tivesse ouvido a palavra Socing antes de 1960, mas quem sabe na expressão utilizada pelo Velhafala - ou seja, “Socialismo inglês” (Orwell, 2009, p. 49)

do partido. Nada poderia ser publicado sem o crivo ferrenho do governo que vigiava cada passo da população.

No decorrer da narrativa, o autor descreve um Estado totalitário<sup>5</sup> que usa de uma constante vigilância para observar os membros do partido. Dessa maneira, o Estado é retratado de forma onisciente, onipotente e onipresente na figura de um ser do qual nenhum personagem viu face a face a não ser por meio de gravuras que não sabem se são reais ou não, denominado de o *Grande Irmão*, ou *Big Brother*, símbolo central do Partido, e detentor do poder, que busca ser respeitado por meio do medo. “O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso” (Orwell, 2009, p. 306).

A obra em questão, é uma literatura do gênero ficção distópica e política, sendo que no seu enredo acontece um romance entre o protagonista Winston e a personagem Júlia, que elaboram um plano para derrubar o Estado, pois já não suportavam mais a tirania vivenciada pela população menos favorecida. Eles encontram-se sempre às escondidas, pois o governo não permitia a união de casais que não fossem unicamente com o objetivo de procriação, ou seja, para que eles aprovassem um casamento, marido e mulher teria que ter aversão um ao outro e a prática do sexo, pois se fossem apaixonados poderiam tramar contra o Grande Irmão e isso não era aceito, pois somente ele, merecia lealdade e reverência.

O livro, portanto, é uma narrativa distópica, por conter características de uma visão de mundo pessimista e decadente, além do controle total de determinado governo, ou seja, o totalitarismo. Dessa maneira, a Província da *Oceania*, onde vivem os personagens, se torna uma sociedade alternativa, na visão do autor, mostrando o que a Inglaterra poderia se tornar caso deixasse-se levar por preceitos socialistas. Dessa maneira, a intenção de Orwell se torna evidente e é o que ele expõe por meio de sua obra. Orwell (2009).

O espaço em que ocorre a narrativa é descrito pelo autor como sendo um local que é palco de uma guerra que parece não ter fim e possivelmente nem começo, já que eles estavam privados de ter acesso a história de seus antepassados, tudo isso fazia do lugar um verdadeiro palco de disputa de poder em que as pessoas menos favorecidas não tinha oportunidades. “A guerra se trava entre cada grupo dominante e seus próprios súditos, e o objetivo dela não é obter ou evitar conquistas de território, mas manter intacta a estrutura social” (Orwell, 2009, p. 236). Dessa maneira, segundo

---

<sup>5</sup>Datado do **período entre guerras**, entre as décadas de 1920 e 1930, o totalitarismo pode ser compreendido como a elevação do autoritarismo ao máximo. (Politize, 2024, grifo do autor).

o autor, a guerra tinha por fim único manter o povo obediente através do medo e da repressão, mantendo assim, o poder centrado na mão de um único grupo ou pessoa.

Constantemente havia rumores de guerra e em diversas ocasiões bombas explodiam e um grande número de pessoas entre elas crianças e idosos eram mortas, e como se não bastasse, todos esses fatos eram expostos por meio das *Teletelas* bidirecionais para que todos pudessem observar como se fosse um espetáculo e pela falta de conhecimento do que verdadeiramente estava acontecendo aplaudem e comemoram o massacre que ocorre diante de seus olhos. Estes relatos dentro do enredo é uma maneira do partido manter o povo nas rédeas, fazendo com que pensem que são protegidos das investidas do inimigo, e somente o governo poderia oferecer essa proteção.

4 de abril de 1984. Ontem à noite cineminha. só filme de guerra. um muito bom do bombardeio de um navio cheio de refugiados em algum lugar do mediterrâneo. O público achando muita graça nos tiros dados num gordão que tentava nadar para longe perseguido por um helicóptero. Primeiro ele aparecia chafurdando na água como um golfinho, depois já estava todo esburacado e o mar em volta ficou rosa e ele afundou tão de repente que parecia que a água tinha entrado pelos buracos (Orwell, 2009, p. 18-19).

Relatos como os do fragmento acima, acompanham a narrativa do livro, pois cenas de guerra como as mencionadas no trecho são costumeiras. Aqui, o personagem Winston, se refere a uma ocasião que estava em um cinema e presenciou cenas de guerras, que mostravam a realidade do que realmente acontecia, pois, os filmes passados nas telas, eram frutos do que era vivenciado constantemente pelo povo da Oceania.

As *Teletelas* serviam tanto para exibição das propostas do governo, como notícias constantes de guerra, e claro, também era usada para vigiar constantemente a população. Em todos os locais que iam eram sempre monitorados, até mesmo quando iam ao banheiro e no momento em que estavam dormindo, as pessoas tinham receio até mesmo de sonhar, pois se em determinado momento mesmo que de forma inconsciente falassem algo contra o Grande Irmão, eram punidas severamente.

Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto. (...) Fosse como fosse, uma coisa era certa; tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver - e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto - acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente. (Orwell, 2009, p. 13)

No fragmento acima, as descrições feitas pelo autor, além de mostrar fatos vivenciados por ele, assim como os que estavam ocorrendo na época da escrita do

livro, possibilita a quem ler, um vislumbre da realidade atual, como as Teletelas que podem ser comparados às redes sociais, que processam dados e manipulam informações de quem as usa, dando até mesmo a sensação aos usuários de estarem sendo vigiados em certas ocasiões, e tudo isso acontece por meio dos algoritmos<sup>6</sup>.

## 2.2 Sobre o autor

O autor britânico George Orwell, é conhecido como um dos principais autores da literatura inglesa, sendo um dos mais lidos no século XX, segundo a Gazeta do Povo (2024), por conta dos seus dois últimos e mais instigantes livros, a *Revolução dos Bichos* e *1984*. Seu nome de batismo é Eric Arthur Blair (1903 - 1950). Nascido na Índia, porém com pais ingleses, foi levado à Inglaterra ainda bebê. Nessa época a Índia era colônia da Inglaterra, e o pai de George trabalhava para o Império Britânico.

Quando Orwell completa quatro anos, sua família volta ao seio inglês. Ele tem então a oportunidade de estudar nas escolas mais conceituadas e prestigiadas existentes na Inglaterra, assim como as melhores Universidades, sendo até mesmo conhecidas como as mais proeminentes do mundo, embora, segundo o autor, não se sentia pertencente àquele meio.

Ao ler *1984* é possível entender o real objetivo do autor em escrevê-lo, que era o de fazer com que os que lessem pudessem pensar claramente, mostrando os propósitos da escrita da obra. Orwell estabeleceu esta data como tema do livro justificando o fato que ela poderia não estar longe de ocorrer, pois é uma obra que foi escrita em 1949, porém com detalhes que chegam a ser comparados com os da atualidade.

George Orwell, explora de forma explícita e detalhada o horror da tortura psicológica e física que são estabelecidas por governos totalitários, o que faz com que o leitor possa até mesmo vivenciá-las por meio do percurso da leitura. Os Personagens de *1984*, foram moldados pela mente do autor de forma a representar as pessoas que sofrem por esse tipo de regime.

O horror completo do livro começa quando fica evidente que todos da Oceania, mesmo os membros do cínico, porém fanático núcleo do partido, estão sendo irracionais. Orwell sem dúvida estava pensando na tentativa de Stalin de fazer as leis genéticas concordarem com o marxismo-leninismo, quando apresentou o Grande Irmão como mestre do universo. (Pimlott, 2009, p. 388).

---

<sup>6</sup> Os algoritmos aprendem suas preferências e priorizam o conteúdo que lhe é mostrado. O Google Maps e a inteligência artificial não são nada sem os algoritmos. Disponível em; <https://revistagalileu.globo.com/ciencia/noticia/2024/05/algoritmos-o-que-sao-para-que-servem-e-quem-os-inventou.ghtml>

O personagem Winston, apresenta características do herói, possuindo ideais de liberdade, que foram esmagadas pela sua própria ingenuidade. À Júlia, são atribuídas características progressistas, voltadas para ideias de força feminina e independência, porém sem deixar de apaixonar-se e vivenciar o amor romântico, esses detalhes podem ser destacados no fragmento: “A segurança que Júlia tinha fazia com que Winston confiasse nela” (Orwell, 2009, p. 143).

O personagem O’Brien, é o típico vilão disfarçado de bom moço, o que o autor usou de forma estratégica para representar as pessoas que são capazes dos atos mais terríveis pelo poder, ele é o espelho de líderes como Adolf Hitler da Alemanha Nazista e Josef Stalin que governou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

1984, de George Orwell, é a expressão de um sentimento, e é uma advertência. O sentimento que expressa é de quase desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso. (Erich Fromm, 1961)

O enredo distópico de *1984*, é familiar e ao mesmo tempo deturpado, pois há sinais usuais historicamente comprovados sobre a ascensão de regimes totalitários, porém a vigilância constante chega a ser algo bem atual, em que o autor utilizou-se para apresentar situações futuristas, caso a população mundial continue com certa passividade mediante a acontecimentos que coloquem a liberdade em risco.

A obra de Orwell é atemporal, ele escreveu relatando de maneira literária o que estava ocorrendo na época, ou seja, os fatos históricos. Porém a presente literatura se mostra bem atual, pois o assunto primário do enredo está envolto ao poder, sendo este um elemento em que as pessoas buscam desde que foi relatado a presença dos seres humanos habitando o planeta Terra.

Dessa maneira é perceptível a ideia de Orwell, quando apresenta os perigos de se reter o poder centrado para si. Ele usa a ficção para estabelecer conexões com a realidade vivida. Dessa maneira o autor mostra-se até mesmo profético, em certos momentos da obra ele exorta o leitor, mostrando o quão nocivo pode ser a busca por liderança.

### **2.3 A Ideologia e o sujeito na ficção de George Orwell**

A ideologia é um fator histórico, sendo concebida como um objeto da humanidade feito para ela e por ela, de forma a observar suas crenças, valores e modo de se comportar perante a sociedade em que se vive, formando, assim, a visão de mundo do indivíduo, o que influencia na sua forma de ser e pensar.

A ideologia sendo um conjunto de valores e crenças, possui um caráter muitas vezes manipulatório, colocando-se como a única verdade existente de determinado grupo, com o objetivo único de enfraquecer o outro. Dessa maneira, ela oculta a realidade, por meio de diversos elementos presentes na sociedade, que os meios de comunicação, muitas vezes, utilizam para mascarar o real.

Na obra em questão, (Orwell, 2009, p. 22) faz menção ao personagem Goldstein que tinha uma certa rivalidade aos ideias do Grande Irmão o que é perceptível no seguinte fragmento: “Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o inimigo do povo apareceu na tela (...) Era o traidor original, o primeiro conspurcador da pureza do Partido”

No trecho acima é observado que o sujeito do discurso, no caso Goldstein, já não possui nenhum poder, mas se torna necessário alimentar o ódio que deve permanecer enraizado no âmago da população contra ele diariamente, pois isso faz com que o comportamento e ideias do atual governante, no caso o Grande Irmão, não sejam contestadas. Quando se diz que uma determinada nação está em guerra, é nesse momento que segundo a visão do autor, se adquire a paz, fazendo com que as pequenas massas permaneçam obedientes.

Os elementos ideológicos podem vincular-se a filmes, canções e produtos diversificados entre eles roupas e maquiagens e até mesmo à religião, por exemplo, que possuem o objetivo de influenciar as pessoas manipulando-as e usando-as para determinado fim. No livro em análise, usam da falta de alimento, de cultura das pessoas, de consciência e de conhecimento para fazer com que tomem decisões favoráveis e que dizem respeito às ideologias pregadas pelo núcleo do Governo.

Dessa maneira, pode-se pensar na ideologia como aquela que se vincula a um grupo, especificamente ao partidário. Tendo esse conceito de ideologia como válido, pode-se observar que cada grupo possui crenças diversificadas e, que por meio delas se opõe ao outro, como por exemplo, os que defendem as ideias marxistas e outros antagônicos a este, como os neoliberais. Ambos com suas ideologias, possivelmente o que possuem em comum seja o fato de buscar convencer a população acerca de determinado ideal, de formas diferentes, mas com a mesma intenção e o mesmo objetivo, o poder.

Louis Althusser (2023) faz toda uma releitura do trabalho de Karl Marx sobre a ideologia, por meio da obra *Aparelhos ideológico de Estado*. São conceitos voltados para o estudo do discurso. Dessa maneira, ele expõe visões acerca dos modos de produção, o que é possível observar por meio do seguinte fragmento: “E se consideramos que toda formação social é resultado de um modo de produção dominante, podemos dizer que o processo de produção aciona as forças produtivas existentes em e sob relações de produção definidas”. (Althusser, 2023, p. 58)

Dessa maneira, segundo o autor, e de acordo com os preceitos de Marx, há uma determinação de uma estrutura social sobre a outra, sendo que em determinadas condições de produção ou em contextos históricos e sociais, os elementos da superestrutura que é formado por um conjunto ideológico, jurídico, religioso e político, irá condicionar elementos da infraestrutura “ unidade de forças produtivas e relações de produção” ( Althusser, 2023, p. 56).

A infraestrutura seria a base material da sociedade, ou seja, o capital, é nele que se encontram tanto as forças produtivas como as relações de produção de determinada formação social. Com isso, Althusser enfatiza a importância da superestrutura ideológica sobre a infraestrutura. No livro de Orwell, a infraestrutura seria o trabalho exercido pelos *baixos*, que trabalham nos ministérios para o bem-estar do governo, que faz parte da superestrutura, denominados de *altos*.

Para que a superestrutura continue em funcionamento e para que esse sistema de produção se estenda, é necessário que a sociedade continue estabelecendo as condições de produção para que assim haja continuidade desse sistema hierárquico.

Assim entra em questão outros termos dos quais Althusser faz menção e que irão ajudar a manter as estruturas citadas acima que são: aparelhos repressivos de Estado e aparelhos ideológicos de Estado, os dois não devem ser confundidos. Os AIE são representados pelas pelos sistemas educacionais, religiosos, midiáticos, políticos partidários, sindicalistas, entre outros:

“AIE religiosos (o sistema das diferentes Igrejas)  
 AIE escolar (os sistemas das diferentes “escolas” públicas e privadas)  
 AIE jurídico  
 AIE político (o sistema político, os diferentes partidos)  
 AIE sindical  
 AIE de informações (à imprensa, o rádio, a televisão etc.)  
 AIE cultural (Letras, Belas Artes, esportes etc.)” (Althusser, 2023, p. 74-75)

Os Aparelhos repressivos de Estado conhecidos por ARE, são representados por meio do governo, da polícia, do exército, e toda a administração estatal, que usa do poder para reprimir situações diversificadas. A diferença entre os dois está nos modos de funcionamento. Para Althusser, os aparelhos repressivos de Estado possuem um

grau de concentração e centralidade maior, tendo a ideia de uma unidade de comando. Já os aparelhos ideológicos de Estado, tem uma certa autonomia entre si (Althusser 2023).

A classe dominante tem o privilégio de fazer uso do poder político para prevalecer seus valores e ideologias e com isso influenciar e dar maior significado para os aparelhos ideológicos de Estado, ou seja, para essa classe dominante com o uso do poder repressivo, pode-se fazer uso de influências sobre os aparelhos ideológico de Estado assegurando a sua hegemonia política e ideológica.

Dessa maneira, se torna perceptível que na distopia de Orwell, O Grande Irmão, assim como a polícia das ideias e os quatro ministérios do partido representam os Aparelhos repressivos de Estado e os que trabalham para os ministérios, bem como, os *proletas*, fazem menção categoricamente aos aparelhos ideológicos de Estado.

Ideologia, não tem história, é uma representação imaginária dos indivíduos com suas condições materiais existentes, possuindo, assim, uma existência material, pois o indivíduo, manifesta os seus ideais, através das suas práticas cotidianas, crenças, hobbies e ações.

Segundo Althusser, é por meio da ideologia que os indivíduos são transformados em sujeitos, isso a partir da sua condição de produção, dessa forma, o indivíduo é interpelado em sujeito e enquanto sujeito, ele é submisso a ideologia. deixando especificado que ao ser interpelado pela ideologia, não quer dizer que o cidadão se torne uma marionete sem consciência da própria existência, para o filósofo em questão, os sujeitos e os indivíduos possuem livre arbítrio para acreditar no que quiserem, tendo a liberdade como preceito fundamental sendo assim, a liberdade não é escravidão como prega o slogan do partido em *1984*.

*É o seguinte: o partido deseja o poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro.*

(Orwell, 1949, p. 307-308)

## **CAPÍTULO 03 - ANÁLISE DA LINGUAGEM COMO MEIO DE MANUTENÇÃO DO PODER**

### **3.1 Novafala: a língua em funcionamento**

No capítulo primeiro, foi estabelecido a importância da linguagem para o indivíduo e para as práticas discursivas, podendo exercer forte influência na sociedade de maneira a moldar as representações sociais, tornar determinadas formas de pensar legítimas e até inofensivas, mesmo não sendo. De acordo com (Orlandi 2016), a Análise do Discurso não se remete somente a termos linguísticos, ou as bases gramaticais, embora façam destas sua base subjacente, mas deve levar inúmeras situações em consideração, tais como a sociedade, os sujeitos que praticam a linguagem, as esferas econômicas e políticas, o poder que o discurso tem nas mãos e o que é construído por meio dele.

Analisando a temática distópica abordada no enredo de *1984*, é notório a presença de certas ocorrências significativas em que um dos sujeitos da ação, no caso, o Partido, que também é representado pelo codinome *Grande Irmão*, usa para controlar a população e manifestar o seu poder. O primeiro termo a ser destacado na obra é o *Novafala*, que tem por objetivo único monitorar a língua limitando o pensamento crítico e as expressões dos sujeitos. Sendo que essas limitações ocorrem por meio da diminuição do vocabulário.

O objetivo da Novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do Socing, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento. A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e esquecida a Velhafala, um pensamento herege - isto é, um pensamento que divergisse dos princípios do Socing - fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que o pensamento dependesse de palavras para ser formulado. (Orwell, 2009, p.348).

“Sabia que a Novafala é a única língua no mundo cujo vocabulário diminui a cada ano?” (Orwell, 2009, p. 86). Essa estratégia usada pelo Partido é a de fazer com que os cidadãos diminuíssem o vocabulário e com isso a capacidade de raciocinar, tornando a consciência desses indivíduos uma campo fértil para plantar suas ideologias, a isso, eles denominavam de *crimepensar*, ou seja, as ideias que fossem contrárias às ideologias partidárias deveriam ser descartadas e tidas como um crime em que era exigido uma punição severa levando até mesmo a morte, que era

denominada pelos *proletas*<sup>7</sup> de vaporização, ou seja, a pessoa não morria, ela só deixaria de existir.

Há outros termos significativos que demonstram o controle do partido sobre os cidadãos, entre eles estão os quatro ministérios, o primeiro é o *ministério da verdade*, que tem a serventia de propagar as mentiras do governo, de maneira a ludibriar a todos, distorcendo os fatos e os acontecimentos, diziam que antes da grande revolução, a Inglaterra era um país dominado pelo capitalismo, e que todas as pessoas padeciam, trabalhavam e não tinha direito ao descanso e lazer, o que obviamente poderia ser o contrário, pois eles não tinham acesso a dados históricos.

Os habitantes da atual Inglaterra em que ficava a Oceania, a antiga Londres, não sabiam a verdadeira história, pois havia passado-se anos, e os mais antigos já haviam morrido. “Winston tentou espremer alguma memória da infância que o informasse se Londres sempre fora mais ou menos assim. Será que sempre houve essas vistas para casas apodrecidas do século XIX?” (Orwell, 2009, p. 22).

O *Ministério da paz*, era responsável pelas guerras e mortes de pessoas que se rebelaram contra o partido. Dessa maneira, este ministério busca esconder sua verdadeira intenção. Há, portanto, uma inversão dos sentidos das palavras, algo que o partido usa para manipular a percepção do que de fato está acontecendo e diminuir a carga do significado negativo de determinado termo. “O ministério da paz cuidava da guerra” (Orwell, 2009, p. 25)

O *Ministério do amor*, também descrito na narrativa, é um dos departamentos do partido que exerce uma função punitiva aos populares considerados traidores e desertores, é um local em que acontece interrogatórios e todos os tipos de tortura possíveis e imagináveis, sem nenhuma piedade, colocando medo na mente dos cidadãos de forma a fazê-los obedecerem ao governo. Eles não queriam respeito, somente obediência. “O ministério do amor era o mais assustador. Não possui janelas” (Orwell, 2009, p. 24).

Por meio da forma como o prédio do *Ministério do amor* foi construído é notório a significação e relação desse espaço com o campo de concentração nazista. Além de relacionar aos limites da mente, não havia janelas, pois este fato possibilitavam que o indivíduo pensasse em liberdade, havia somente a escuridão, porque a falta de ideias possibilita levar o indivíduo, isso na visão de Orwell, a escravidão e obediência

---

<sup>7</sup>Abaixo estão as pessoas mais burras que nos acostumamos a chamar de “proletas” (...) São as pessoas baixas, pois a população escravizada das terras equatoriais que passam constantemente de um conquistador a outro não são parte permanente ou necessária da estrutura. (ORWELL, p. 307).

inquestionável a qualquer situação ou pessoa que demonstre poder ou superioridade, dessa maneira a mediocridade deve prevalecer.

O último ministério do partido era o *Ministério da Pujança*. Responsável pela economia e pela partilha de alimentos ele controla a distribuição de refeições entre a população, que a cada dia se torna mais escassa, e quase que intragável. Porém o alto escalão do partido usufrui dos melhores tipos de comida. “É tudo reservado para o núcleo do partido. Os pulhas têm de tudo, para eles nunca falta nada” (Orwell, 1949, p. 170). Os quatro ministérios em Novafala eram respectivamente: Miniver, Minipaz, Minamor e Minipuja” (Orwell, 2009, p. 15).

O objetivo da Novafala seria o de reduzir o vocabulário, pois fazendo isso acabariam por extinguir palavras que se remetesse a pregar contrariedades ao partido e seus ideais de governo. Esse fato possui um significado grandioso, pois assim como ressalta (Brandão 2016, p. 2):

(...) não basta saber a gramática da língua, mas tenho de saber também quem é a pessoa com quem falo ou a quem escrevo, tenho de ajustar a minha linguagem à situação em que estou falando, ao contexto em que o discurso está sendo produzido.

Dessa maneira, ao compreender o público a quem se deve dirigir o discurso, é necessário estabelecer a linguagem que se pode utilizar, com isso os enunciados possuirão o sentido desejado e alcançarão com facilidade o seu alvo. Ao reduzir o vocabulário de uma língua, manipulando os conceitos e significados, seria possível controlar aquilo que os interlocutores podem conceber a respeito do que está sendo dito.

(...) estamos dando os últimos retoques na língua para que ela fique do jeito que há de ser quando ninguém mais falar outra coisa. Depois que acabarmos, pessoas como você serão obrigadas a aprender tudo de novo. Tenho a impressão de que você acha que nossa principal missão é inventar palavras novas. Estamos destruindo palavras - dezenas de palavras, centenas de palavras todos os dias” (Orwell, 2009, p. 67).

A Novafala de 1984, irá substituir completamente a falada pela sociedade presente na narrativa denominada de *Velhafala*. Isso faz com que o monopólio político do partido cresça fortalecendo-se cada vez mais através da manipulação e criação de novos termos enunciativos e palavras tendenciosas. Este fato corrobora para a limitação da linguagem que por sua vez torna os argumentos mais acessíveis ao debate, fazendo com que todos possam compreender o que está sendo dito. Ao segmentar essa ideia, o governo apresentado na história do livro em questão, limita a capacidade de expressão da população, assim como a restrição do pensamento.

### 3.2 O Duplipensamento Orwelliano

Um outro termo instigante e que demonstra de forma explícita a manipulação ideológica imposta pelo Grande Irmão, é o “*Duplipensar*”, significando que o indivíduo pode manter duas crenças que podem contradizer-se entre si, estando dentro da própria mente e podendo conviver de forma harmoniosa.

Duplipensamento significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas. O intelectual do partido sabe em que direção suas memórias precisam ser alteradas; em consequência, sabe em que está manipulando a realidade; mas, graças ao exercício do *duplipensamento*, ele também se convence de que a realidade não está sendo violada. (Orwell, 2009, p. 252)

Dessa maneira, pode-se observar por meio da citação acima, as palavras e os termos como instrumento de manipulação ideológica, deixando que duas verdades convivam na mente, claro, sabendo que entre elas há uma mentira. Esse fato, deve acontecer de forma pacífica, ou seja, se o partido diz que dois mais dois são cinco, é o número cinco que deve ser levado em consideração nesta sentença, embora, na mente haja duas possibilidades e somente uma é a tida como verdade pelo inconsciente. Porém, a pessoa diz que é cinco de forma consciente, manipulando a realidade, usando da inverdade e do pensamento distorcido, passando a acreditar no que não é real, mas tendo consciência do que é a verdade, dessa maneira o governo faz uso da dissonância cognitiva, ou seja, a coerência entre duas cognições.

(...) ao usar a palavra, a pessoa admite que está mexendo com a realidade; por meio de um novo ato de duplipensar, a pessoa apaga esse conhecimento; e assim por diante, por tempo indeterminado, com a mentira sempre um passo adiante da verdade. (Orwell, 2009, p. 252)

Através da citação acima, é possível notar que a linguagem é usada como forma de manipulação de maneira explícita, sendo até mesmo comparada a uma tortura psicológica. A realidade está distorcida de tal forma que o indivíduo fica meio que anestesiado e sem conexão com o mundo real, traduzindo-o de modo deturpado e de acordo com a vontade daqueles que exercem o poder.

O *Duplipensamento* é uma das formas que o partido usa para fazer com que o indivíduo acredite naquilo que ele propõe, mas sabendo que pode haver uma outra maneira de pensar sobre determinada situação, objeto ou pessoa. Foucault aborda em sua obra *A Ordem do Discurso*, uma teoria semelhante, quando se refere a *Vontade de Verdade*.

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas como a sociedade de sábios outrora, os laboratórios hoje. (Foucault, 2014, p. 16-17).

Nessa abordagem, o discurso é pautado por enunciados verdadeiros, claro na medida em que eles podem ser verificáveis, isto é, o método de análise de acordo com os preceitos científicos. Na citação acima, o autor citou os laboratórios, ou seja, o enunciador pretende por meio da ciência chegar à exatidão dos fatos, através da vontade de verdade. Foucault, portanto, sempre resistiu a ideia de que há um pressuposto na filosofia positivista de que se o indivíduo tiver um método e utilizá-lo de forma adequada, ele irá garantir que o sujeito tenha acesso à verdade e a realidade, como se o real fosse transparente e acessível a todos.

O escritor francês em questão, faz uso de precauções metodológicas para analisar o poder, tendo consciência dos dispositivos e dos mecanismos que ele utiliza para construir conhecimento, mas ele não reivindica uma substância metafísica para essa estratégia, garantido como as coisas devem ser feitas. Metodologia é só um caminho a ser seguido, não garante acesso à verdade, mas é tida somente como uma forma de coagir o cidadão a aceitar determinada situação.

E, contudo, é dela sem dúvidas que menos se fala. Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o desejo e o poder? (Foucault, 2014, p. 19)

Para Foucault, deve-se anular a vontade de verdade, pois existem diversas maneiras de se interpretar aquilo que é considerado verdadeiro, sendo que algumas pessoas podem usar desse argumento para anunciar a sua verdade, maquiando e manipulando os fatos. No Duplipensamento, se pode conviver com duas ideias distintas sobre a realidade, porém somente a que passa pelo crivo do governo deve ser a única aceita até mesmo pensada, mas sem desconsiderar a existência da outra. Na visão de Foucault a verdade não pode ser reduzida a verdadeiro ou falso, mas diferente do que os enunciados do livro em análise pregam, o real é estabelecido pelo sujeito sem nenhuma forma de imposição ou poder sobre o outro, ditando o que deve ser, pensar ou fazer.

Uma outra ocorrência de manipulação pela linguagem nesta obra, diz respeito aos três slogans do partido que são frutos do *Duplipensamento*: “GUERRA É PAZ, LIBERDADE É ESCRAVIDÃO e IGNORÂNCIA É FORÇA” (Orwell, 2009, p.14). Observando estes termos destacados em caixa alta, possivelmente para criar tensão e chamar a atenção para a distorção do que é enunciado, pode-se observar os

recursos linguísticos e discursivos empregados que podem ser analisados de acordo com a teoria de Maria do Rosário Gregolin (1995)

Há, portanto, nesses termos destacados, e em quase todo o livro uma oposição de sentidos, que para (Gregolin 1995) é chamada de *tímica* e que determinará a argumentação do texto. Tem-se o valor positivo da guerra mostrando que ela é o seu contrário, ou seja, a paz. Isso se torna um paradoxo, justamente para tentar ludibriar os indivíduos.

Nisso, o partido descrito na obra, oferece argumentos linguísticos para todas as atrocidades que fazem, como a de estarem em constante guerra com outras províncias, as mortes e a tortura psicológica e física que praticam, fazendo com que os cidadãos de Oceania aceitem conceitos contraditórios. “Esses valores fundamentais podem ser tomados como positivos (eufóricos) ou negativos (disfóricos). Essa oposição, que chamamos de “tímica”, vai determinar a linha argumentativa do texto”. (Gregolin, 1995, p. 15).

O enredo de *1984* é repleto desses valores fundamentais defendidos por Gregolin, são palavras com sentidos antagônicos e que se fundamentam na ideia de contrariedade exercida pelos denominados no livro de *altos* em detrimento dos *baixos*, visando unicamente a superioridade. (Orwell 2009)

No termo *A liberdade é escravidão*, há outro paradoxo, através deste, o partido está dizendo que aquele que busca pela liberdade individual é na verdade um escravo, e que essa tal liberdade pode fazer dos cidadãos, seres tristes e sem perspectivas e que ser livre verdadeiramente está representado na ideia de seguir um líder e deixar que ele tome as decisões necessárias. Dessa maneira, as pessoas acreditam que a não liberdade é uma forma de se alcançar o livre arbítrio.

No termo *Ignorância é força*, pode-se fazer uma reflexão e até mesmo relacioná-lo a outros termos mencionados anteriormente, ou seja, aceitar as imposições feitas pelo governo, é estar consciente apenas das informações fornecidas por este, que mostra que buscar o conhecimento é uma forma de fraqueza além de ser perigoso, o que poderia levar as rebeliões e guerras, como foi o caso de Winston, que ao buscar conhecer o seu passado por meio de um livro secreto, foi capturado e torturado pelo partido.

De acordo com o que foi descrito nos tópicos anteriores, pode-se observar o controle que o Grande Irmão busca exercer sobre os cidadãos da Oceania, por meio de discursos bem presentes na atualidade. A ficção, de certo modo, busca imitar a

realidade. O partido busca moldar as situações por meio da linguagem que se manifesta através do discurso totalitário, isso se torna notório no seguinte fragmento:

O Partido afirmava, por exemplo, que hoje quarenta por cento dos proletas adultos eram alfabetizados; antes da revolução, dizia-se que o número era de apenas quinze por cento. (Orwell, 2009, p. 118)

Esse era um dos discursos usados pelo Grande Irmão para demonstrar o que ocorreu no antigo regime antes da Revolução. Revolução esta, que tornou a Inglaterra dominada pelo socialismo. Isso segundo o enredo. Porém, esse tipo de discurso, que para (Foucault, 2014, p. 10) é tido como “o poder do qual nos queremos apoderar”, ou seja, é um discurso que exclui e ao mesmo tempo manifesta uma intenção benévola, mesmo mascarada é o que todos almejam.

Na sociedade não ficcional, discursos como esses são proferidos de diversas formas e por diversificadas áreas e esferas, seja jurídica, religiosa e política. São formas de manipular e influenciar os mais vulneráveis. Destacando-se os governantes que usam de mesquinha como o Grande irmão fazia na narrativa de *1984*, distribuindo restos de comida e fazendo com que os *proletas* acreditassem que estavam sendo beneficiados, que aquilo era um banquete, e que o partido era benévolo cuidando da população, porém, isso estava longe de ser verdadeiro.

Esses discursos demagógicos de que com determinado político no poder “a alfabetização terá grandes avanços” ou a “fome será erradicada”, “a violência não existirá” podem ser usados como uma maneira de persuadir e manipular, são enunciados que possivelmente pessoas que almejam o poder fazem uso para alcançar o fim desejado. É observado que para essas esferas, há de forma veemente uma *vontade de verdade*, o poder reprime toda a verdade do discurso, somente a dele permanece. A isso Foucault (2014, p. 19) relata:

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e liberta do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la

Na Oceania de *1984*, as pessoas não podem manifestar suas emoções, sua liberdade de expressão é privada, o ir e vir é controlado, até mesmo o sexo se torna restrito, casamento e filhos, tudo deve estar dentro dos padrões do regime, ou então, são *vaporizados*, eufemismo usado para suavizar o verdadeiro sentido do enunciado.

### 3.3 A transformação dos sujeitos em *1984* por meio dos enunciados

No enredo, é possível observar inúmeras ocasiões denunciativas acerca da mudança de ideias e perspectivas dos sujeitos. Os dois personagens principais da narrativa distópica, Winston e Júlia, passaram de membros obedientes ao partido a uma rebeldia mascarada, já que não podiam se rebelar de forma declarada, pois se isso acontecesse sofreriam consequências.

Diversos fatores os levaram a tomar a decisão de tramar contra o Grande Irmão. Um deles foi o abismo existente entre os modos de vida da população, pois, de um lado prevalecia uma maioria miserável que era controlada de forma autoritária por uma minoria abastada e cheia de regalias, ou seja, apesar dos discursos do governo mencionarem a igualdade entre os povos, a verdade é que não era assim que ocorria na prática. Na realidade a população era dividida em três grupos: os altos, médios e baixos.

Os dois personagens citados acima estavam agrupados no último grupo. Um outro fator predominante aos desertores, e talvez o mais relevante para que chegassem a ousadia de desafiar o Partido, foi a questão das liberdades individuais que eram revogadas, não existia o livre arbítrio nem mesmo o de escolher com quem casar. Na verdade, a palavra “livre” no sentido de independência, não existia em Novafala.

A palavra *livre* continuava a existir em Novafala, porém só podia ser empregada em sentenças como: “O caminho está livre” ou: “O toailete está livre”. Não podia ser usada no velho sentido de “politicamente livre” ou “intelectualmente livre”, pois as liberdades políticas e intelectuais já não existiam nem como conceitos, não sendo, portanto passíveis de ser nomeadas. (Orwell, 2009, p. 348).

De acordo com a premissa do trecho acima, de que a liberdade não existia de fato, alguns personagens passaram a impor-se contra o governo, e essas ocorrências se tornaram cada vez mais explícitas em alguns enunciados ao longo da narrativa, tais como; “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” (Orwell, 2009, p.29).

O personagem Winston, quando conseguia esconder-se das Teletelas, escrevia seus pensamentos em um diário, que havia conseguido comprar em uma loja que ficava escondida no bairro dos proletas, sendo um lugar esquecido pelo governo. Dessa maneira, em decorrência da raiva enraizada que cultivava pelo partido, pegou-se escrevendo a sentença apresentada acima. Era algo que estava gritando dentro dele, e que quando foi capturado por O'Brien, já na prisão, falava de forma veemente o enunciado em questão, agora sem medo ou receio, pois já havia sido capturado. Sobre Sujeito e enunciado (Foucault, 2014, p. 40) relata:

Ora a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado, como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala fórmula um ou vários enunciados inassimiláveis.

Para Foucault, o enunciado é uma função de existência, passa por diversos signos que compõem as proposições estabelecendo assim as relações discursivas existentes, a sua semântica e gramática, ou seja, o enunciado é a base subjacente do discurso e que dá base a outras disposições da linguagem como os atos de fala mencionados no capítulo primeiro, as formas como as frase são estabelecidas, entre outros fatores.

A Frase: “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” se torna válida por meio do enunciado que dá margem de existência para ela por meio do sujeito da enunciação. Aqui, Winston, revela toda a sua intenção, seus pensamentos e perspectivas, mesmo que esta sentença não possa ser dita no momento em que ela está sendo escrita pelo personagem, ela provoca no leitor a ideia de que uma luta será travada.

A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar (Foucault, 2007, p.114).

Foucault observa a historicidade e a sociedade, não dependendo exclusivamente da interpretação de quem ler, mas sobretudo os modos de produção, e o sujeito da enunciação, o meio em que ele está inserido a sua forma de ver o mundo e os outros, assim o enunciado produzirá o sentido necessário para que possa ser interpretado.

### **3.4 Poder e manipulação: O grande Irmão está de olho em você**

Na obra em análise, a presença de um discurso totalitário é quase que palpável, se tornando uma ferramenta de poder para o controle dos indivíduos, oprimindo-os. esse fato torna-se contundente no fragmento: “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ” (Orwell, 2009, p. 12). Essa sentença enunciativa é repetida constantemente na Província da Oceania, para que as pessoas retenham no inconsciente e quando pensarem em desobedecer, lembrem que estão sendo vigiadas constantemente. A frase acima está em caixa alta provavelmente com a intenção de reter a atenção dos populares da Oceania, que é o espaço em que eles se encontram.

Por meio do fragmento acima, é notório, a menção à manipulação por meio de um partido político, com isso o líder passa a impor suas ideologias sobre a população que está de mãos atadas, tendo que acatar cada vontade do governo sendo coagidas pelo medo através das *Teletelas*. Por meio delas as pessoas são constantemente vigiadas. “Podia ter o volume atenuado, mas não havia como desligá-lo por completo. (Orwell, 2009, p. 21).

O personagem do Grande Irmão, estabeleceu uma ocasião para manifestar sua glória e poder denominado de *Dois minutos de ódio*. É um evento que acontece todo dia, no mesmo horário, sendo obrigatório para todos os cidadãos da Oceania, é transmitido através das Teletelas. Nessas ocasiões, os populares eram obrigados a assistir aos inimigos do estado proferindo seus discursos de ódio. Ao assistirem o vídeo os cidadãos passam a gritar e proferir palavras enfurecidas para com os inimigos do Partido.

O principal objetivo desse momento, era o de instigar nas pessoas um sentimento de raiva para com os desertores e um certo medo que os impedisse de desobedecer ao governo, de forma a unificar esses cidadãos em relação às ideias do Grande Irmão. A isto (Petry, 2016, p. 44) “menciona: Ao apresentar uma causa nobre, e apontar seu adversário como inimigo dessa causa, essas pessoas criam a sensação de que o mundo está dividido em dois blocos: o bloco do bem e o bloco do mal”

Dessa forma, o objetivo do Grande Irmão, é estabelecer domínio sobre as pessoas, mostrando os traidores do partido como monstros detestáveis. Esse acontecimento se torna um ritual diário, fortalecendo o poder do governo, estabelecendo um sentimento de lealdade ao regime. O livro deixa como questionamento que possivelmente esses inimigos do Partido, seriam apenas personagens ilusórios, em que o Big Brother, para fazer com que as pessoas manifestassem seu ódio intrínseco e incubado ao governo, que era o verdadeiro vilão, usava esse momento como uma forma meio que psicológica de fazer com que os cidadãos expusessem por meios de palavreados e gritos, o ódio pelo partido, se tornando um grito interior disfarçado. A isso Foucault menciona sobre o controle do discurso:

Desta vez não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os propiciam certo número de regras e assim não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. (Foucault, 2014, p. 35)

Ao fazer a análise de um determinado discurso, se torna necessário mapear alguns outros discursos que estão presentes na sociedade, observando o tempo e

espaço, para possivelmente estabelecer uma conexão que eles possuem entre si, sejam relações de justaposição ou de oposição de enfrentamento. Pois, quando se faz um mapeamento discursivo de um determinado meio social, percebe-se que a quantidade do discurso pode ser rara. A isso o escritor em questão, irá chamar de Rarefação. “Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 2014, p. 35).

Para Foucault todo discurso é uma forma de impor a verdade, sendo dialético e movido assim, por perguntas e respostas, levando sempre como principal objetivo o poder. É o caso do discurso abordado em 1984:

Goldstein bradava seu discurso envenenado de sempre sobre as doutrinas do Partido - um discurso tão exagerado e perverso que não servia nem para enganar uma criança, e ao mesmo tempo suficientemente plausível para uma criança, e ao mesmo tempo suficientemente plausível para fazer com que o ouvinte fosse tomado pela sensação alarmada de que outras pessoas menos equilibrada do que ele próprio poderiam ser iludido pelo que estava sendo afirmado. Goldstein atacava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do partido (...). (Orwell, 1949, p. 23).

Nesse fragmento, o personagem da narrativa chamado de Goldstein, inimigo ferrenho do Partido, e do qual ninguém sabia o seu verdadeiro paradeiro, pois no início da Revolução era aliado do governo, mas depois por não concordar com as doutrinas pregadas, acabou se revoltando e fugindo dos olhos de todos, porém ele tinha escrito um livro do qual era proibido a sua leitura por disseminar inverdades contra o Grande Irmão.

Dessa maneira, era escolhido um momento do dia, conhecido como dois minutos de ódio, já mencionado nesta análise anteriormente, em que um vídeo misterioso do inimigo do povo discursava palavras agressivas. De acordo com as autoridades da Oceania esse momento era o mais oportuno para fazer com que a população entendesse que o Big Brother era o único que poderia defender o povo contra pessoas como Goldstein.

Pode-se observar a teoria do *princípio de exclusão* presente na obra *Ordem do Discurso* (2014) de Michel Foucault, no discurso de Goldstein, especificamente a segunda forma de exclusão que é a chama *rejeição*, ou seja, tudo aquilo que é dito pelo sujeito e que não é aceito por conter ideias contrárias ou distante daquilo que se conhece por verdade, como é o caso dos loucos, não há veracidade no que ele fala, portanto não é tida como válida, por está distante do que as autoridades impõem.

Com isso, o personagem citado tem sua manifestação invalidada e desacreditada, pois a população pelo fato de estar convencida dos ideais do Partido,

fizeram desse personagem um inimigo para si, um louco que não merece nenhum crédito. Esse fato, para o partido foi uma grande jogada, pois qualquer resquício de raiva que pudesse existir por parte do povo foi direcionada de maneira estratégica para Goldstein.

Através do nível discursivo de (Gregolin 1995), observa-se na obra *1984*, Winston, como sujeito da enunciação e que faz diversas escolhas, desde a obediência parcial ao partido à revolta, e depois, por fim, a obediência novamente, mas dessa vez de maneira velada e até mesmo como forma de veneração ao Grande irmão.

Ao final da narrativa, que é finalizada por enunciações que partiram de Smith, é possível observar a sua submissão ao governo no momento. “Ele conquistara a vitória sobre si. Winston amava o grande irmão” (Orwell, p. 2009). Tudo isso, depois da lavagem cerebral por meio das torturas feitas pelo “Ministério do amor” ao personagem em questão.

O Grande Irmão, mesmo ninguém o vendo, também se torna um sujeito da enunciação, assim como O’Brien, que mesmo sendo um torturador, é visto pelo protagonista como um amigo e salvador, ou seja, ele infiltra-se na mente dos indivíduos de forma a moldá-las. Os sujeitos citados, assim como outros que são observados ao longo da narrativa distópica de Orwell, fazem parte da formação discursiva do livro.

Essa força discursiva irá nortear o sentido das enunciações da narrativa, postulando suas significações por meio do que é vivenciado pelos sujeitos do discurso no decorrer do enredo, como a historicidade da época em que foi escrita, levando em conta também as ideologias do autor e sua forma de observar o mundo, fazendo da obra uma das literaturas mais desafiadoras do século XX, pelo fato de apresentar acontecimentos que com o passar do tempo não parecem mais tão ficcionais quanto os que são apresentados no enredo do livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

George Orwell, por meio de seu personagem, Winston Smith, concluiu que era extremamente necessário anunciar e deixar estabelecido a todos de que dois mais dois são quatro, sendo esta uma verdade absoluta. Na obra em questão, foi criada a Novafala que é uma forma de restringir o pensamento por meio da linguagem, em que a população é proibida de usar certos termos e palavras, tornando a comunicação restrita, fazendo com que o cidadão criasse desacordos com o Partido, pela imposição de uma língua sem nenhum fundamento gramatical ou sintático.

Ao falar da linguagem imposta em *1984*, o autor não está estabelecendo normas linguísticas, dizendo que a língua é imutável. Ele está mostrando que a linguagem pode ser usada como meio de manipulação por pessoas que possuem cargos de poder e podem influenciar os indivíduos, deixando claro que as variações na língua devem ocorrer de maneira natural. Pode-se defender uma forma de linguagem, mas quando há imposição se torna autoritário, como se o cidadão não tivesse direito a escolha.

A possibilidade de se estabelecer os preceitos da *Novafala* na atualidade, possivelmente seria tida como algo impensado e fora da realidade, pois, a mudança de pronomes, verbos e advérbios para unicamente sustentar e favorecer uma ideologia, é totalmente ilógico e sem nenhuma possibilidade de que aconteça de fato. Isto não poderia ser aceito, pela simples condição de imposição, como se fosse algo obrigatório, não sendo estruturado de forma orgânica, sendo que a linguagem deve desenvolver-se de maneira natural.

As Teletelas presentes no enredo que são usadas para espionar e conter os populares, chegando a vigiar até mesmo o sonho das pessoas, pois muitos tinham medo até mesmo de dormir, para evitar falar por meio do sono o que poderia ofender o governo. porém era uma luta impossível, pois esses sistemas de vigilância estavam em todos os lugares. Na atualidade a ideia de ser constantemente vigiado foi se tornando tão natural que virou até mesmo reality show.

A análise discursiva feita por meio dessa obra possibilita compreender de forma considerável que o enredo de *1984* mostra-se cada vez mais presente na sociedade contemporânea, em que muitos estão submetendo-se às investidas do poder político, da mídia, e de outras formas de dominação. A privacidade, a individualidade e a liberdade de expressão estão se tornando utopias.

Dessa forma, com base na leitura de *1984*, assim como da análise feita por meio da obra, é possível compreender o seu significado para a sociedade, especificando assim, a importância que se deve dar a liberdade de expressão, pois quando se priva alguém do conhecimento e senso crítico, como fazia o partido da narrativa, as pessoas podem transformar seus líderes até mesmo em “deuses” e acatar tudo o que é proferido e estabelecido por eles de forma veemente. Portanto, o a análise em questão abre possibilidades de uma reflexão acerca de situações da realidade, mostrando que até mesmo a língua pode ser usada como objeto de manipulação ideológica.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.
- CARNAP, R. [1928] **The Logical Structure of the World and Pseudoproblems in Philosophy**. Tradução Rolf A. George. 2 ed. Chicago: Open Court, 2005.
- CHOMSKY, Noam. **A ciência da linguagem: Conversas com James McGilvray**. São Paulo: Unesp; 1ª edição, 2014.
- COSTA, M. W. Alexandre da. **Uma introdução à Filosofia da linguagem**. Curitiba: InterSaberes, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, 24ª edição. São Paulo: Loyolas 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GONÇALVES, T. R. **Relativismo linguístico ou como a língua influencia o pensamento**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 94.
- MARCONDES, Danilo. **A Pragmática na Filosofia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 8.
- MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. Posfácios de Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PÉTRY, Jacob. **Poder e manipulação: Como entender o mundo em 20 lições extraídas de O Príncipe, de Maquiavel**. São Paulo: Faro Editorial, 2016.
- PLATÃO. **Diálogo – Crátilo (ou da Justeza dos Nomes)**. (Trad.) Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Universidade São Francisco, 2014.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

GREGOLIN, M. do R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em: 03 out. 2023.

Secretaria de Cultura e Juventude. **Literatura e Distopia**. São Bernardo do Campo. 2024. Disponível em: <https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-literatura-e-distopia>. Acesso em 07 jul. 2024.

POLITIZE. **Totalitarismo**: conceito, movimentos e filosofia arendtiana. Florianópolis SC, 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/totalitarismo/>. Acesso em 07 jul. 2024.